

Texte de l'exposition:

Movimentos de vida

Mesmo a torrente da favela que desaba pelo monte abaixo traça uma linha. As casas formam enxame. Mais do que ícones de lugares, estas imagens abrem movimentos. E, no entanto, os mapas proliferam, como se a geografia insistisse em fixar o que ameaça escapar. Mas é um malentendido: são falsos mapas, novos de fios que vão de um lugar a outro, de um rosto a outro, do mar à cidade, num vai-vem incessante. De Lisboa ao Rio e do Rio a Lisboa, aonde se instalar? No próprio movimento.

Aonde mora Françoise Schein? Em que continente, país, cidade? Talvez na rede de velocidades que a levam de um sítio a outro sítio, de Paris à favela do Rio de Janeiro. Um lugar não é um território, gira constantemente, traçando linhas num espaço móvel. As casas deslocam-se nas favelas ("Histórias"), os quartos e varandas extraem-se das casas, e os fios que os ligam a elas desenrolam histórias cruéis de liberdade. Trajectos que saiem da terra e dos corpos, e voam como o homem na praia ("Le bond"). Nenhum miserabilismo, nenhum olhar sofrido nestas imagens de crianças pobres e de situações dramáticas ("Maternité difficile"). Os rostos das crianças abrem-se em riso e jogo, e criam um outro espaço, o espaço das linhas de vida ("Will to live"). Como a mulher com a cabeça habitada por um espaço de uma outra geografia fractal ("Je n'habite pas à New York").

Eis como Françoise Schein transforma os "Direitos Humanos" em movimentos de vida. Rostos que são de todos os homens porque não são de nenhum lugar em particular; casas que são necessariamente minhas porque nelas, na pobreza, no sujo, na violência, nascem linhas de errância e de expansão do homem, geografias intensas, imprevisíveis, que se deslocam pela força imanente e inquestionável do direito à vida, ao espaço, do direito aos direitos. Geografia móbil do mundo: são também meus rostos, meus trajectos. Universalidade de trânsito imparável da força de existir, não de princípios estáticos. Os direitos do homem tornam-se histórias de vida. Mesmo na exclusão mais evidente há uma linha de fuga ("Les rues des uns et des autres"). E esse movimento, tão forte em Françoise Schein, é terrivelmente político, ameaçador das instâncias dominantes, porque totalmente positivo, activo, nú e livre, na intensidade da alegria cósmica da vida.

Janvier 2007

José Gil
philosophe